

CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CONTAGEM



EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS

A CRIANÇA E O
MUNDO SOCIAL

**PREFEITURA
CONTAGEM**

Uma cidade cada dia melhor.

CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CONTAGEM

EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS

**VOLUME 8:
A CRIANÇA E O
MUNDO SOCIAL**

2012



Uma cidade cada dia melhor.



Uma cidade cada dia melhor.

FICHA TÉCNICA

PREFEITA MUNICIPAL
Marília Aparecida Campos

VICE – PREFEITO
Agostinho da Silveira

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Lindomar Diamantino Segundo

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Dimas Monteiro da Rocha

COORDENADORA DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA
Maria Elisa de Assis Campos

REVISÃO
Luciani Dalmaschio

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fernanda Cristina Mariano Diniz
Mário Fabiano da Silva Moreira

**AUTORAS DO DOCUMENTO
CONSULTORIA PEDAGÓGICA**
Fátima Regina Teixeira de Salles Dias
Vitória Líbia Barreto de Faria

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Lucimara Alves da Silva
Rosalba Rita Lima
Valma Alves da Silva

ASSESSORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

Cibelle de Souza Braga – NRE Industrial/Riacho
Darci Aparecida Dias Motta – NRE Sede
Érica Fabiana Beltrão Pereira – NRE Vargem das Flores
Liliane Melgaço Ornelas – NRE Eldorado
Maria Elizete Campos – NRE Petrolândia
Micheli Virgínia de Andrade Feital – NRE Eldorado
Sandro Coelho Costa – NRE Industrial/Riacho
Sílvia Fernanda Mutz da Silva – NRE Ressaca/Nacional
Sônia Maria da Conceição Félix – NRE Sede

COLABORAÇÃO

Ghisene Santos Alecrim Gonçalves – NRE Ressaca
Pauline Gonçalves Cardoso Duarte – NRE Nacional

GRUPO DE TRABALHO RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO CADERNO A CRIANÇA E O MUNDO SOCIAL

Deise Eliane Mota – E. M. Deputado Jorge Ferraz
Diva Viana Alvarenga Duarte – CEMEI João Evangelista
Elvira Marília – CEMEI Vereador João Evangelista Fernandes
Márcia Aparecida Gomes – Anexo José Maria dos Mares Guia
Mary Gomes Dornela – CEMEI Sagrado Coração de Jesus
Nora Nei das Graças de Oliveira – CEMEI Professora Juverci de Freitas Ferreira
Sandro Coelho Costa – Coordenação do Grupo
Sânia Maria Hilarino – CEMEI Sagrado Coração de Jesus

CO-AUTORAS

Profissionais da Educação Infantil da Rede Municipal e da Rede Conveniada de Contagem

APRESENTAÇÃO

A publicação da coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** vem coroar o trabalho de reflexão sobre o currículo a ser desenvolvido com as crianças dessa etapa da Educação Básica, realizado pelas profissionais que atuam nas instituições de Educação Infantil públicas e conveniadas de Contagem.

A Coleção, construída a partir das dúvidas e inquietações das profissionais, tem como objetivo orientar o processo de elaboração da proposta curricular de cada instituição, fomentando a discussão sobre a prática educativa. Essa atitude democrática de construção coletiva é uma das marcas da política municipal que estamos gestando na cidade e que visa à garantia do direito da criança a uma Educação Infantil de qualidade.

A proposição de um currículo para a Educação Infantil, consubstanciada na Coleção que ora apresentamos, pretende ser um material aberto, flexível, coerente com as concepções de criança, de infâncias, de Educação Infantil, de aprendizagem e desenvolvimento que a política municipal de educação defende, além de provocar a articulação entre teoria e prática, explicitando os objetivos, os saberes e conhecimentos que possibilitaremos que as crianças vivenciem nas nossas instituições.

A Coleção, ao provocar a reflexão e ao desconstruir propostas prescritivas que meramente apontam conteúdos a serem desenvolvidos, busca uma relação interativa com a profissional que atua na Educação Infantil. Nosso objetivo é possibilitar às crianças contagens experiências que as toquem, as transformem e as considerem cidadãs. Experiências que serão plurais, variadas, diversas, assim como o são as propostas pedagógicas que desenvolvemos na cidade, que têm como eixo comum a formação humana dessa criança, considerando sua especificidade e as concepções que acreditamos.

Esperamos que a leitura dos cadernos da coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** estabeleça um diálogo fértil sobre a Educação Infantil em nossa cidade. Um diálogo que garanta tempos e espaços para a vivência de uma infância cidadã, na qual a criança possa se apropriar do mundo e da cultura, tornando-se cada vez mais humana.

Lindomar Diamantino Segundo
Secretário de Educação e Cultura

Marília Campos
Prefeita de Contagem

Contagem. Minas Gerais. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

A criança e o mundo social/ Prefeitura Municipal de Contagem. - Contagem: Prefeitura Municipal de Contagem, 2012.

ISBN Coleção: 978-85-60074-08-2

ISBN Volume: 978-85-60074-16-7

32 p.: il. - (Currículo da Educação Infantil de Contagem, 8).

1- Educação Infantil. 2- Currículo. 3- Sociedade. 4- Cidadania. 5- Ética. 6. Campos de experiências. I- Título. II- Série.

CDD: 372.21

INTRODUÇÃO

A Coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** tem como objetivo orientar o processo de construção da proposta curricular de cada instituição de Educação Infantil de Contagem. Trabalhamos nessa Coleção com o seguinte conceito de currículo:

Conjunto de experiências culturais relacionadas aos saberes e conhecimentos, vividas por adultos e crianças numa instituição de Educação Infantil – IEI –, na perspectiva da formação humana. As experiências vividas nessa caminhada são selecionadas e organizadas intencionalmente pelas profissionais da IEI, embora estejam sempre abertas ao imprevisível. O currículo é um dos elementos do PPP, devendo se articular com os demais elementos desse projeto e ser norteado por suas concepções. Nesse sentido, a seleção das experiências é determinada pelas necessidades e interesses das crianças com as quais a IEI trabalha, considerando as especificidades do seu desenvolvimento e do contexto onde vivem, a diversidade que as caracteriza, bem como pelas exigências do mundo contemporâneo.

Esse conceito procura consolidar uma concepção que leve em conta o contexto em que a Instituição de Educação Infantil está inserida e que coloque a criança na centralidade do processo pedagógico. Nessa perspectiva, a criança é sujeito de sua ação e reflexão, possibilitando, a partir da interação com outras crianças e com adultos e das experiências que vivencia nas relações sociais e nos processos de aprendizagem e desenvolvimento, sua formação humana.

A Coleção está organizada em onze cadernos, a saber:

- **Discutindo o Currículo da Educação Infantil de Contagem;**
- **A Criança e a Linguagem Oral;**
- **A Criança e a Linguagem Escrita;**
- **A Criança, o Brincar e as Brincadeiras;**
- **A Criança e o Mundo Social;**
- **A Criança, o Cuidado e as Relações;**
- **A Criança, o Corpo e Linguagem Corporal;**
- **A Criança, a Música e a Linguagem Musical;**
- **A Criança, a Arte e a Linguagem Plástica e Visual;**
- **A Criança e o Mundo Natural;**
- **A Criança e a Matemática.**



O caderno **Discutindo o Currículo da Educação Infantil de Contagem** apresenta e detalha o conceito de currículo adotado pelo município e as concepções que norteiam o trabalho na Educação Infantil. Apresenta, ainda, o histórico do processo de construção da Coleção e destaca a necessária relação que cada instituição deve estabelecer entre seu currículo e seu Projeto Político-pedagógico.

Os outros dez cadernos, cada um identificado por uma cor específica, apresentam os campos de experiências a serem trabalhados com as crianças. Em cada um deles busca-se fundamentar a discussão sobre o campo de experiência, elencar objetivos, saberes, conhecimentos e experiências e apontar possibilidades de trabalho.

As fotos utilizadas na Coleção retratam propostas de trabalho desenvolvidas nas Instituições de Educação Infantil da cidade. Já os desenhos, foram produzidos pelas crianças especialmente para essa Coleção; uma forma alegre e colorida delas dizerem para nós, profissionais, como veem o que tem sido desenvolvido nas instituições. Esses desenhos constituem um texto a ser lido e permitem a produção de outros sentidos para a nossa prática pedagógica.

Outro ponto que gostaríamos de salientar na Coleção foi a opção por tratar no feminino as profissionais que atuam na Educação Infantil. Poderíamos ter optado pela forma masculina/feminina, mas preferimos dar destaque às mulheres, que são maioria na atuação nas IEI. Com isso, não estamos dizendo que esse é um campo fechado aos homens, mas apenas valorizando e destacando a força e a presença feminina na Educação Infantil de Contagem.

Esperamos que a Coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** possa enriquecer as práticas pedagógicas que vêm sendo desenvolvidas nas instituições. Nesse sentido, convocamos as educadoras, nossas interlocutoras privilegiadas, para discutir a efetivação de uma educação de qualidade a partir de um trabalho com as crianças que esteja pautado no respeito mútuo, na construção de saberes e conhecimentos e na formação integral; um trabalho que incite novas aprendizagens e que seja estimulador para todos e todas.

Equipe da Educação Infantil



A CRIANÇA E O MUNDO SOCIAL

A socialização é um processo essencialmente ativo que se desenrola durante toda a infância e adolescência por meio das práticas e das experiências vividas, não se limitando de modo algum a um simples treinamento realizado pela família, escola e outras instituições especializadas. Este processo, extremamente complexo e dinâmico, integra a influência de todos os elementos presentes no meio ambiente e exige a participação ativa da criança.

Maria Luiza Belloni



2012

DELIMITAÇÃO

Este campo de experiência na Educação Infantil trata de vivências e acontecimentos socioculturais que se desenvolvem no tempo e no espaço. Diz respeito, portanto, às relações humanas, abrangendo as práticas sociais e o ambiente social, perpassados por questões como identidades, ética, cidadania, diversidade e tecnologia.

1 FUNDAMENTAÇÃO

1.1 O que é esse campo de experiência e qual o seu significado?

O trabalho pedagógico com esse campo de experiência parte da premissa de que o homem é um sujeito sócio-histórico e cultural. Desenvolver um trabalho sobre o Mundo Social, junto às crianças de 0 até 6 anos, a partir dessa premissa, significa levar em consideração, no trabalho cotidiano da IEI, tudo aquilo que a humanidade construiu ao longo de sua história em tempos e espaços diversos. Significa, principalmente, possibilitar experiências que contribuam para que elas comecem a compreender o mundo por meio das práticas sociais que vivenciam nos diferentes espaços de convivência, não só na instituição de Educação Infantil, mas em casa, nas instituições religiosas, na praça, na rua, na feira, no supermercado, na comunidade local, no bairro, na cidade de Contagem com suas especificidades. Essas práticas dizem respeito ao “conjunto de atividades culturais, esportivas, políticas, de lazer, familiares e escolares desenvolvidas, tanto por sujeitos individuais, fora de um grupo socialmente constituído, quanto na dinâmica dos grupos [...]”. (NASCIMENTO, 2005, p.14). Remetem ainda a experiências relacionadas a outras sociedades, outras culturas contemporâneas e de outros tempos, que se desenvolvem ou se desenvolveram em outros ambientes geográficos e sociais.

De acordo com as DCNEI/2009 em seu artigo 7º, inciso V, “[...] a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil devem garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica, “[...] construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de

relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, lingüística e religiosa.” (BRASIL, 2009, p. 2)

Assim, as experiências proporcionadas por meio desse campo de experiência devem estar relacionadas **às vivências e acontecimentos socioculturais**, que se dão em feiras, teatros, excursões, brincadeiras, atividades culinárias, esportivas, exposições, jogos, dentre outros que direta ou indiretamente fazem parte da vida das crianças e que ocorrem em determinados **espaços e tempos**.

No contexto desse campo de experiência, estamos considerando **espaço** como o local onde os indivíduos interagem para a construção do todo social. Esse lugar pode ser a instituição, a casa ou ambiente familiar, a instituições religiosas, o espaço de trabalho do adulto, a praça, já citados anteriormente e outros tantos.

Já o **tempo**, é visto aqui como a sucessão de atos e transformações que se desenvolvem em determinados períodos por exemplo: o tempo de vida de uma criança, o atendimento de tempo integral de uma creche, o tempo de um dia que vai desde o nascimento do sol, pela manhã e se estende até à noite.

Assim, tudo que ocorre no mundo social e que é objeto de curiosidade e interesse das crianças tem uma história que se desenvolve em determinados tempos e espaços, num determinado ambiente social. Dessa forma, existe relação entre tudo o que ocorre no planeta e, em se tratando de atos humanos, existe neles sempre algum sentido social. Esses atos atrelados a acontecimentos ou a vivências podem ter uma implicação maior ou menor no contexto social ou nos indivíduos, no nosso caso, na vida das crianças.

Em relação a esse campo de experiências, sobretudo na Educação Infantil, não existem conteúdos rígidos, previamente definidos. O importante, é que as experiências possibilitadas na IEI “incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza” (BRASIL, 2009, p.4). Nesse sentido, é fundamental que estejamos atentos à curiosidade das crianças tendo como instrumentos fundamentais a observação, a escuta e o registro sistemático. Além disso, não se pode perder de vista que os conhecimentos das crianças sobre o mundo social são produzidos nas práticas sociais que acontecem nos diversos ambientes.

As **práticas sociais** vivenciadas pelas crianças envolvem também conhecimentos e saberes como: o ato de alimentar-se, a aprendizagem de diversas linguagens, maneiras de se relacionar, brincadeiras, higiene pessoal, cuidado com os ambientes, controle corporal, movimento, os passeios, a participação em festas, repouso, descanso, recepção e despedida. Todos são saberes e conhecimentos que precisam ser problematizados e orientados, por isso ocupam a posição de currículo numa instituição de Educação Infantil, sendo aprendidos na cultura, nas relações sociais que variam de acordo com os ambientes de vivência da criança.

Nesse processo, o homem torna-se humano pela imersão em um mundo simbólico num processo contínuo de dar e criar sentidos nas interações que estabelece com os outros e com o mundo, num determinado contexto sócio-histórico. Assim,

constrói seus significados, suas relações e a si próprio enquanto sujeito, constituindo suas subjetividades. Suas relações e seu acesso ao mundo são perpassados pelo outro através da linguagem, imersa em uma rede de significações. Dessa forma, as ações humanas são consideradas como formas de relação do homem com o mundo.

Em síntese, cada indivíduo aprende, por meio das práticas sociais, a ser um homem. O que a natureza lhe dá não basta para viver em sociedade. “É lhe preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana.” (LEONTIEV, 1978, p.267).

O **ambiente social** a que nos referimos, trata dos espaços onde transcorre a vida, inclui as pessoas, os instrumentos, os objetos, as moradias, a organização dos grupos, as atividades que as pessoas realizam e como as realizam, os costumes e meios de vida, as tradições e o folclore, os antecedentes culturais. Inclui ainda, todo o ambiente que as cerca, ambiente este que envolve o entorno e também aqueles mais distantes no tempo e no espaço, mas que despertam o interesse e a curiosidade humana. Todos esses elementos são constructos sociais, ou seja, são constituídos nas relações e nas interações entre os seres humanos.

Vivemos hoje em ambientes muito sofisticados que não servem somente ao objetivo de sobrevivência, mas ao lazer, ao prazer, à comodidade, ao luxo, entre outras necessidades que variam de acordo com os diferentes grupos, indivíduos e classes sociais.

É nesse contexto que podemos discutir a questão da diversidade que é parte do humano e, a nosso ver, a instituição de Educação Infantil é um lugar privilegiado para o encontro e debate sobre as diferenças que nos constituem.

No seu artigo 9º, inciso VII as DCNEI/2009 apontam para o trabalho com experiências que possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem os padrões de referência e de identidades no diálogo e no reconhecimento da diversidade. Colocam ainda que, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem, entre outras coisas, “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação.” (BRASIL, 2009, p. 3)

Nesse sentido, é urgente negar práticas sociais que ressaltam como positivos e melhores os valores de determinado grupo, em detrimento de outros, gerando rejeição e estranhamento ao diferente. Essas práticas podem levar ao etnocentrismo, racismo, sexismo, homofobia, xenofobia e à exclusão das pessoas com deficiência do convívio social. Partimos do pressuposto de que as diferenças são construídas socialmente, variam de acordo com a posição que os sujeitos ocupam nas sociedades e são marcadas pelas relações de poder existentes.

Assim, a estrutura organizacional e curricular da Educação Infantil precisa tomar como foco a criança com suas identidades de raça, gênero, classe social, dentre outras. Uma proposta curricular que coloque a criança na centralidade, levando em conta sua diversidade, enquanto ser histórico e cidadão de direitos.

A diversidade requer o reconhecimento e o respeito em relação à construção das identidades culturais, sejam de negros, brancos, indígenas, homossexuais, entre outros. Conviver com a diferença é um direito de todos e é um benefício não só para os diferentes, mas para a coletividade que compõe o todo social, pois assim estaremos construindo relações pautadas no direito, na igualdade social, na igualdade de oportunidades e no exercício de práticas e posturas democráticas.

Assim, a inclusão precisa estar fundamentada em uma dimensão humana e social que enfatiza interações positivas, possibilidades, apoio às dificuldades e acolhimento das necessidades de todas as crianças. Para isso, é preciso que a IEI tenha como ponto de partida a escuta das crianças, dos seus familiares, dos profissionais da saúde e de outras áreas.

No que se refere à construção das **identidades**, concordamos com Hall quando coloca como possibilidade para a sua formação a interação entre o eu e a sociedade. Ele explica que, “o sujeito tem um núcleo ou essência interior que é o eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem.” (HALL, 2002, p. 12).

Da mesma forma que o autor, tratamos identidades no plural, pois o sujeito pós-moderno não se encontra estabilizado em uma só identificação do seu eu real, uma vez que assume identidades diferentes e até mesmo contraditórias, em diferentes momentos. Identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Assim, nossas identidades são formadas e transformadas continuamente, nos diferentes momentos de nosso processo de desenvolvimento, em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, ou seja, são constituídas na relação entre os fatores biológicos e culturais.

No Caderno da Educação Infantil: construindo o Projeto Político-Pedagógico são citadas diversas manifestações culturais características de nosso município e destacadas significativas contribuições dessa cultura na constituição das identidades:

Considerando que, de acordo com as teorias sociointeracionistas, os sujeitos se constituem no meio sociocultural onde vivem, os meninos e meninas que chegam às IEI de Contagem trazem consigo as marcas da sua história, com as contradições de uma sociedade desigual e com a riqueza cultural de suas comunidades. Essa história terá continuidade nos novos espaços em que as crianças forem se inserindo com base nas relações que estabelecerem entre o que já construíram e os novos conhecimentos, procedimentos e valores a que terão acesso. É dessa maneira que as crianças constroem sua identidade. (CONTAGEM, 2007, p.56).

Considerando o exposto, o mundo social por meio das pessoas que o povoam, das relações que estabelecem e de suas manifestações culturais ligadas à classe social, sexo, etnia, religião, características físicas e psicológicas tem contribuição decisiva na constituição das identidades.

Nesse sentido, a Educação Infantil, não pode perder de vista o caráter lúdico do trabalho pedagógico, pois a brincadeira ocupa centralidade na vida das crianças e é constituidora de suas identidades. Quando brincam de faz de conta, por exemplo, as crianças realizam interpretações da realidade fazendo uma releitura da mesma e se situando nessa releitura. Esse processo é definido por Corsaro (1985) como reprodução interpretativa. A criança dialoga então com o mundo por

meio da brincadeira, aprende sobre si mesma e sobre o outro, dando significado às suas ações.

Dessa forma, as crianças vão produzindo a cultura infantil, com características inerentes ao grupo etário, como categoria social com suas especificidades. Outro aspecto importante, é o estabelecimento de relações de amizade que contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento social em qualquer grupo.

Segundo Zabala (1998), a capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vivencia e as instituições educacionais são lugares preferenciais, nessa época, para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si mesma e sobre os demais.

O ser humano aprende na relação com o outro, sendo a natureza dessa aprendizagem social. Vygotsky (1979), ao dizer que o sujeito constitui suas formas de ação em atividades e sua consciência nas relações sociais, aponta caminhos para a superação da dicotomia social /individual, pois a ação do sujeito é considerada a partir da ação entre sujeitos e o sujeito só é sujeito no contexto social.

Para Wallon (1971), a compreensão do processo de desenvolvimento está na totalidade das relações das quais a criança participa e as quais ela altera. O autor reconhece que a criança é um ser geneticamente social, nasce em um meio, pertence a um contexto, do qual depende para a satisfação de suas necessidades e para viver de forma confortável. Assim, a criança nasce em uma sociedade, por isso ela já nasce social por estar inserida em um grupo com cultura e linguagem próprias.

Uma exigência do mundo contemporâneo, para se viver em sociedade de forma saudável e harmoniosa, é o estabelecimento de relações éticas, isto é, relações, balizadas por valores. Nesse sentido, o trabalho com esse campo de experiência deve utilizar de instrumentos como a reflexão e a autoavaliação, tendo em vista a construção de atitudes e procedimentos pelas crianças, que busquem desenvolver a cooperação, a solidariedade, o respeito, a fraternidade, a responsabilidade com o outro.

A ética diz respeito à decisão de cada indivíduo e de cada sociedade, de julgar, de escolher e instituir na sua própria existência, os princípios, os valores que deverão guiar suas relações no e com o mundo. Essa decisão envolve dois âmbitos:

- a) autonomia intelectual, que segundo Piaget é a capacidade de se auto-governar, diz respeito às decisões que são tomadas de forma racional, em que os sujeitos escolhem conscientemente, refletindo sobre as consequências de suas escolhas;
- b) responsabilidade, que implica em avaliação pelo sujeito decisor quanto ao impacto de tal decisão na sua vida, de seus familiares e da comunidade da qual faz parte.

Embora as crianças já nasçam cidadãs, para que os sujeitos de uma cultura se constituam como seres verdadeiramente autônomos e responsáveis é necessário que, desde cedo, possam exercer plenamente seus direitos e deveres, ou seja

sua **cidadania**. Assim, uma formação cidadã poderá proporcionar ao sujeito possibilidades de compreender sua função política na sociedade, levando-o a refletir sobre seu estar e agir no mundo.

Por meio da interação social, dinâmica, ativa e singular o bebê estabelece, desde o seu nascimento, e, durante toda a sua vida, trocas recíprocas com o meio, já que, ao mesmo tempo, internaliza as formas culturais, as transforma e intervém no universo que o cerca. Na contemporaneidade, cada vez mais, essas trocas com o meio estão permeadas pela tecnologia.

É importante ressaltar que concebemos **tecnologia**, como qualquer objeto, método ou técnica criada pelo homem na sua relação com a natureza e com a cultura para transformar e facilitar sua vida, na locomoção, na produção, na comunicação, na diversão, etc. Um exemplo que explicita essa concepção é quanto às tecnologias de comunicação que ampliam as possibilidades de interação dos humanos. Tecnologias tais como, a escrita alfabética, a imprensa (especialmente o livro impresso) e nos dois últimos séculos, o correio moderno, o telégrafo, o telefone, a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão, o vídeo, o DVD, a versão móvel do telefone (celular), o computador, entre outros. Esse exemplo aponta para o peso que a mídia tem nas relações sociais.

A mídia está presente na vida das crianças, assim como está na do adulto, influenciando padrões de consumo e comportamento em todas as fases da vida. Precisamos, no entanto, dialogar com ela, não simplesmente aceitando o discurso pronto da mídia, de subordinação dos nossos desejos a ela, mas como sujeitos que podem interferir nesse jogo, propor novas regras, definir outros caminhos possíveis.

De acordo com as DCNEI/2009, as instituições devem possibilitar às crianças a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos. Compreendemos que o grande desafio posto é: como as profissionais podem se lançar criticamente nesse jogo? Como a IEI pode usar esses recursos a seu favor? Como colocar a mídia a serviço de seu currículo e não o contrário?

Nesse processo, as famílias são parceiras importantes. Questões como o uso da televisão, do computador e de outros recursos tecnológicos necessitam ser constantemente discutidas e acordadas pela instituição, juntamente com as famílias. É necessário envolvê-las no trabalho desenvolvido na instituição, pois se a educação é compartilhada com elas, temos que, na medida do possível, ir compartilhando nossos valores e concepções. Para que essa parceria se efetive, é fundamental respeitar todas as formas de organização familiar existentes no âmbito da sociedade.

Fazem parte importante do contexto das crianças as manifestações culturais da comunidade local e aquelas consideradas patrimônio da humanidade e difundidas por todo o Brasil. Nesse sentido, as DCNEI/2009 no artigo IX, inciso XI, determinam que devem ser possibilitadas experiências que “propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras”. (BRASIL, 2009, p. 4).

É na interação e participação que as crianças aprendem o respeito à diversidade de manifestações culturais e se apropriam

de outras resignificando, assim, a cultura local. Em Contagem e em bairros de Belo Horizonte, próximos a esse município, existem manifestações culturais ligadas a religiões de matrizes africanas como apresentações de congado, missas congas que são realizadas em comunidades tradicionais da cidade como os arturos, os siríacos. Além dos grupos culturais, ligados às igrejas católica e evangélica, é significativa a comunidade de ciganos, vivendo principalmente nas proximidades do bairro Inconfidentes, de acordo com os dados do Atlas Escolar de Contagem.

Na maioria das instituições, existem trabalhos desenvolvidos em torno das festas juninas, da páscoa, da festa da família, entre outras. Em algumas IEI, ainda persistem maneiras estereotipadas de comemoração dessas festas. Mas, em outras, já se verificam ações mais significativas que possibilitam às crianças a produção de conhecimentos, o resgate histórico e cultural das identidades sociais da comunidade de Contagem e a construção das próprias identidades das crianças.

1.2 Como o conhecimento sobre esse campo de experiência foi construído historicamente pela humanidade?

Ao longo da história da humanidade, o conhecimento social e a concepção de infância sofreram alterações, apesar da permanência de traços culturais nas representações e práticas de cuidado e educação.

As mudanças ocorridas em torno de conceitos como o de infância são consequência das mudanças nas relações entre as diversas categorias sociais e assumem características de determinados tempos e espaços. Essa variação é reflexo das transformações institucionais do Estado e sociedades. Nesse sentido, a história do campo de experiência Mundo Social é também a história dos diferentes enredos sociais e da forma como foi sendo concebida a ideia que temos hoje da categoria social infância.

No início não havia sociedades, tal como as concebemos hoje. Elas foram sendo constituídas a partir das necessidades de se agrupar, de fazer trocas, de se fixar na terra, de produzir cada vez mais, de possuir bens privados, de constituir família, de organizar o mundo do trabalho. A organização da vida coletiva do homem vai sendo influenciada por aspectos econômicos e políticos que estão na base da organização social.

O homem primitivo vivia de forma nômade. Aos poucos, ao ir se tornando sedentário, em função da agricultura, da criação de animais e da propriedade privada, foi construindo suas relações sociais, criando normas para conviver e dialogar com o outro. Ao longo do tempo, o homem foi dominando e se apropriando de espaços e criando história. Assim, foi se organizando a cada dia de modo mais elaborado, tornando a sociedade cada vez mais complexa. No processo civilizatório, cada povo - celtas, gregos, romanos, tupis, guaranis, maias, incas, mina, zulu - por mais próximo ou distante que esteja no espaço e no tempo, realizou sua produção cultural, o que permitiu o convívio social e o desenvolvimento de formas mais ou menos harmoniosas de socialização, de acordo com as suas características.

As divergências sempre existiram, porém, cada sociedade desenvolvia estratégias próprias para lidar com conflitos internos e, no caso dos conflitos externos, estes eram resolvidos na maioria das vezes por guerras.

CONTAGEM NEGRAS RAÍZES



A relação de gênero sempre foi um desafio dentro das organizações sociais, não da maneira como está posta hoje, pois essa questão assumiu diversas facetas no interior das diferentes sociedades. Em uma visão mais simplista e tradicional encontramos a explicação de que o sexo foi usado para determinar a primeira divisão do trabalho: as mulheres cuidavam da casa, preparavam a comida e confeccionavam roupas, enquanto o homem ia à guerra, à caça e à pesca, e criava os instrumentos necessários para tais atividades.

Ressalte-se também a mudança de padrões de valores, ao compararmos à época atual com o tempo descrito no parágrafo anterior, pois o domínio das mulheres na casa e o domínio dos homens na floresta não eram hierarquizados e, por isso, essa organização não assumia os preconceitos e estereótipos percebidos na sociedade contemporânea. Muito pelo contrário, existiram sociedades matriarcais onde a mulher era responsável pela descendência e, às vezes, por isso possuía mais privilégios que o homem.

De acordo com Engels e Morgan (1985) invenções importantes como o machado de ferro, o arado, foram gradativamente modificando a vida dos homens. O uso do ferro, por exemplo, substituindo os instrumentos de pedra, tornou possível, entre outras coisas, a agricultura em áreas cada vez maiores. Quando o homem descobriu que podia criar animais em cativeiro ao invés de caçar e produzir alimentos em grandes quantidades, por meio da agricultura, possibilitou o desenvolvimento de outras organizações sociais e de novas relações.

As tribos começaram a gerar excedentes na sua produção, criando as condições para o comércio entre tribos diferentes. Com o estabelecimento de relações de troca, houve a necessidade de eleger uma mercadoria como padrão para trocar com as demais. Dessa forma, alguns produtos como o gado e o sal, inicialmente desempenharam a função que hoje atribuímos ao dinheiro na negociação por mercadorias. Surgem, assim, as primeiras transações comerciais.

Aumentando a produção, aumentou também a necessidade de mão de obra, o que foi conseguido por meio da escravidão em muitas sociedades. Os prisioneiros de guerra se tornavam escravos em muitas dessas organizações. É construída, dessa forma, a primeira grande divisão social do trabalho, que resultou na primeira divisão da sociedade em classes: senhores e escravos, exploradores e explorados.

O aumento da produção e consequente troca de mercadorias, além de consolidar as divisões vindas de fases anteriores, instaura a diferença entre a cidade e o campo. É nesta fase que o mundo conhece a classe que se dedica somente a troca: os comerciantes.

Nesse contexto, o homem vai compondo enredos, relações mais complexas, a ponto de uma sociedade desse tipo não poder subsistir senão em meio a uma luta aberta e permanente dessas classes entre si. O Estado surge como um terceiro poder que se colocava, aparentemente, acima das classes. Sua função era reprimir os conflitos e só permitir que a luta de classes se travasse no campo econômico, numa forma dita legal. (ENGELS;MORGAN, 1985).

O Estado passa, então, a se constituir como a instituição consensada, enquanto constructo social, que tem a finalidade



de manter a coesão necessária, mesmo que para isso tenha que utilizar de força. É o depositário de poder, autorizado a realizar as intervenções necessárias na sociedade.

Nessa complexidade de relações, foram muitas as construções sociais, dentre elas a infância, construção da modernidade que corresponde a uma fase da vida onde o ser humano, no caso a criança, protegida por legislação específica, não deveria realizar atividade remuneratória, ou seja, não deveria trabalhar. Utilizamos o termo não deveria, porque, desde que bem remunerado, esse trabalho é aceito, como no caso das crianças que desempenham papéis em televisão, modelo fotográfico, entre outros. Outro exemplo desse “não deveria” são as crianças de famílias pobres que trabalham nas ruas como guardadores de carros.

A convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas, de 1989, fixa o limite para a infância aos 18 anos. Essa é a idade consensual adotada, porém existem muitas categorias sociais no interior da infância, uma vez que existem vários subgrupos etários. A infância é atravessada por contradições e desigualdades, pois se encontra relacionada a outras categorias. Os papéis e funções aceitáveis para as crianças mudam com o passar dos anos. O trabalho infantil que hoje é condenado, já foi aceitável em outras épocas. Existe também uma diversidade grande dessa categoria quando relacionada às classes sociais, às diferentes etnias, ao gênero, ao contexto social de vida (urbano ou rural), ao contexto religioso, ao familiar. (SARMENTO, 2008)

Kuhlmann JR e Fernandes (2004) assim se referem à história da infância e da criança: “A história da infância seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos, com essa classe de idade, e a história da criança seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade”. (p. 15).

Segundo Sarmiento (2008), a análise da infância “em si mesma”, como categoria sociológica do tipo geracional é muito recente. De acordo com o autor, a sociologia se desenvolveu contemporaneamente visando compreender um dos mais importantes paradoxos da atualidade. Afirma que “nunca como hoje as crianças foram objeto de tantos cuidados e atenções e nunca como hoje a infância se apresentou como a geração onde se acumulam exponencialmente os indicadores de exclusão e de sofrimento”. (SARMENTO, 2008, p. 18-19).

Na Antiguidade, as crianças abastadas, se vissem o suficiente, poderiam adquirir alguns conhecimentos úteis e, assim que possível, deveriam estar aptos para as demandas do mundo adulto, sendo então treinadas desde cedo, adquirindo os conhecimentos necessários para atender essas demandas. Para exemplificar podemos citar vivências que hoje são atribuídas quase que exclusivamente à vida adulta como se casar ou combater em batalha.

Na Idade Média, poucas crianças sobreviviam a pestes e invasões bárbaras. E as que chegavam até a idade de conseguir segurar um instrumento de trabalho quase sempre aprendiam o ofício com um adulto da comunidade. O acesso à educação formal era muito restrito, os mosteiros detinham o monopólio do conhecimento, e não tinham interesse em dissemi-

1. Grifos do autor.



ná-lo para além de suas paredes. Numa cultura em que a comunicação acontecia basicamente por meio da linguagem oral, meninos e meninas eram considerados adultos em miniatura.

Durante muitos séculos, a criança foi vista por sua incompletude e imperfeição. Eram estudadas e analisadas visando à transição para a vida adulta, como objeto de cuidados dos adultos. Essa imagem da infância predominou por algum tempo e colocou as crianças em um lugar invisível na sociedade, pois não eram consideradas como atores sociais e estavam pré-destinadas a um “vir a ser.” A retirada das crianças da esfera pública de certa forma foi estratégica e correspondeu a essa visão de não “participante social”. As crianças foram colocadas na esfera privada, pertencendo às famílias ou em instituições de caráter higienista, que funcionavam como depósito de crianças.

Esse lugar impossibilitou que as crianças adquirissem um estatuto ontológico social pleno, sendo colocadas fora do “espaço social”. Legitima-se, dessa forma, o tratamento dado às crianças, como aquelas que não são ouvidas ou consideradas.

Na Idade Moderna, começa a surgir, entre a nobreza, a preocupação de poupar as crianças dos males do mundo, ainda que, quando o dever chamasse, elas fossem tratadas na lógica do mundo adulto. Como por exemplo, nos casamentos arranjados ou nas questões de herança e sucessão a tronos. Mas, entre a plebe, a infância ainda era apenas um sonho.

Mais tarde, o lema da Revolução Francesa - Liberdade, Igualdade e Fraternidade- se estende às crianças. Ir à escola se torna obrigatório e assim, vão sendo construídos os direitos da criança. A partir de então, elas são vistas como seres diferentes, que precisam de proteção e carinho dos pais até chegarem à idade adulta.

Com a Revolução Industrial, a sociedade precisou rever seus conceitos colocando os pequenos para trabalhar e ajudar no orçamento familiar. Foi preciso que uma ideia “inusitada e radical”, como define Postman (1999), entrasse em vigor: o Estado passou a se dar o direito de agir como protetor das crianças, retirando-as das fábricas e institucionalizando a infância.

Na contemporaneidade, vai se configurando outra forma de organização social. O mundo, que era um só, virou dois: o das crianças e o dos adultos, sendo que neste último, fala-se sobre diferenças entre classes sociais, morte, doença, violência, dinheiro e sobre o segredo mais bem guardado: o sexo. De assuntos como esses, as crianças deveriam ser poupadas, em nome de uma infância sadia. Tem início o auge do conceito da infância. As crianças têm roupas, brincadeiras, linguagem e até uma psicologia feita sob medida. São idealizadas como um tesouro que devia ser preservado ao máximo.

Há uma tendência entre os historiadores em acreditar que a imprensa é a mãe da criação do conceito infância, por ter permitido a popularização dos livros e o ressurgimento das escolas, pois segundo Postman (1999): “ Em um mundo iletrado, não há necessidade de distinguir com exatidão a criança e o adulto, pois existem poucos segredos e são poucas as instruções para dominar a cultura cotidiana. Em um mundo letrado, as crianças precisam transformar-se em adultos”. (p.27)

Em nossos dias, o conceito de infância começa a se esvaziar. A criança passa a se tornar adolescente mais cedo e o tra-

balho infantil, desde que bem remunerado, é aceito socialmente. O seu reconhecimento na sociedade contemporânea, muitas vezes se dá apenas em função do mercado global de produtos, ou seja, são vistas tão somente como consumidoras, uma vez que possuem uma importância econômica estratégica.

No sentido contrário a esse movimento de esvaziamento do conceito de infância, é desejável que a instituição de Educação Infantil proporcione à criança conhecimentos sobre a sua história e vivências significativas sobre práticas e ambientes sociais diversos, desenvolvendo uma cultura infantil ao mesmo tempo próxima e distante da cultura do adulto. Com uma produção simbólica diferenciada, produzida na interlocução com uma cultura mais ampla, a produção da criança é que define a cultura infantil com identidade própria. É importante destacar que entender as crianças como sujeitos sociais e culturais significa perceber que elas estão “integradas em uma densa rede social caracterizada por normas de partilha e de troca”. (NSAMENANG; LAMB, 1994, p. 143-144).

1.3 Como a criança aprende, se desenvolve e torna-se progressivamente humana, por meio desse campo de experiência?

As crianças têm necessidade e interesse em investigar e conhecer o mundo em que vivem e compreenderem a cultura produzida pela sociedade, dando sentido à sua vida, pois é dessa forma que constroem sua singularidade, se percebem como pessoas diferentes das demais e, ao mesmo tempo, inclusas nessa sociedade.

Com uma forma peculiar de compreender, explicar e interrogar as coisas do mundo, as relações da criança com a sociedade e sua interação com os sujeitos, com a cultura do grupo social no qual está inserida assumem características específicas, em diferentes faixas etárias. A criança age sobre o mundo pelo movimento, pela imitação, pelo brincar, pela experimentação, pelas linguagens e por meio de formas variadas de atuação social.

Considerando esse contexto, cabe à instituição de Educação Infantil colocar como eixo a transformação da curiosidade e das perguntas trazidas pelas crianças em conhecimentos e saberes a serem explorados. É preciso compreender o mundo da cultura infantil, que tem no caráter lúdico sua forma privilegiada de mediação. Essa cultura deve ser o ponto de partida para favorecer a participação mais efetiva da criança.

Nesse sentido, o crescimento individual, as características de cada criança, sua identidade vão sendo formadas a partir de inúmeras e constantes interações em práticas sociais nos diferentes ambientes nos quais convivem, práticas essas que, na contemporaneidade, são permeadas pela tecnologia, que tem influenciado de forma significativa essas interações.

Segundo Wallon (1971), as reações impulsivas, orgânicas do bebê desde o nascimento necessitam ser interpretadas, completadas pelas práticas sociais que ocorrem na interação. Essas complementações são constituintes do sujeito humano, e ocorrem por meio de processos comunicativos e expressivos que são, em sua essência, sociais. Por isso concordamos quando o autor afirma que a criança já nasce social. Sendo a emoção a primeira manifestação psicogenética da afetividade

de e o elo entre o bebê e seu outro social. O conhecimento é o resultado de um trabalho contínuo de negociação entre todos os atores e é por meio dele que agimos sobre a realidade, portanto, aprendizagem e conhecimento são processos que se realizam na prática social.

Outro autor interacionista que contribui para a compreensão da importância das relações sociais no desenvolvimento das crianças é Vygotsky. De acordo com ele, o contexto social e a cultura funcionam como alicerce para as transformações genéticas, transformações essas que ocorrem como processos espontâneos no desenvolvimento do sujeito. Assim, a criança não é produto das circunstâncias, mas é alguém que transforma as circunstâncias, transformando-se.

Na contemporaneidade, observamos uma separação característica da produção industrial entre os mundos do adulto e da criança, principalmente por meio da instituição de educação. Porém, tal separação exacerbada pode ser prejudicial ao desenvolvimento da criança, uma vez que já nos referimos à importância dela experimentar diversas possibilidades de relações sociais. Ela, em seu processo de socialização alterna as posições, ora conduz, ora é conduzida. Por isso é importante a não fragmentação dos contextos de vida de adultos e das crianças. Portanto, mesmo havendo uma diferenciação nas experiências do mundo adulto, da infância e da juventude, não acreditamos em um isolamento. Para ilustrar, podemos citar diversas comunidades indígenas, ciganas, onde as crianças aprendem se desenvolvem em contato com o mundo adulto.

A criança tem um papel ativo no seu processo de socialização e por meio das interações sociais significa e interpreta o mundo a sua volta, produz a cultura infantil, representando diversos papéis sociais. Por meio de brincadeiras representa o universo adulto, fazendo inferências, levantando hipóteses e alterando o rumo das coisas que se encontram cristalizadas, naturalizadas pelo universo do adulto. As crianças são dotadas de lógica própria de desenvolvimento, constroem e reconstróem hipóteses, e é importante que existam espaços planejados para o confronto de ideias, pois esses espaços se constituem em oportunidade de operacionalização do projeto pedagógico da IEI.

Reiteramos, dessa forma, a importância de ouvir as crianças. Segundo Lopes, Mendes e Faria (2006) escutar significa “se colocar disponível para o outro, dando significado às suas ações, forma aos pensamentos, dinamizando e proporcionando modificações importantes para aqueles que participam dessa interação.”

Além do brincar, as crianças aprendem sobre o mundo social quando participam de atividades programadas pelas educadoras e quando são desafiadas a dar respostas para questões que elas mesmas se colocam.

Os exercícios da vida em sociedade se iniciam na família e se ampliam quando a criança começa a frequentar instituições coletivas, na escolha dos amigos, na solidariedade do grupo, nas desavenças. Para Wallon, o grupo social é indispensável à criança não somente para sua aprendizagem social, mas também para o desenvolvimento da tomada de consciência de sua própria identidade. A confrontação com os companheiros permite-lhe constatar que é uma entre outras crianças e que ao mesmo tempo é igual e diferente delas. Por essa razão, é fundamental que a criança negocie e

aprenda a lidar com conflitos.

As identidades da criança são desenvolvidas a partir das relações que a mesma estabelece com o mundo objetivo, ou seja, fatos, fenômenos, acontecimentos culturais no tempo e no espaço que se efetivam por meio das relações sociais. O mundo social é constituído pelas normas, regras, leis, combinados e também pelas subjetividades que são vivenciadas e experienciadas por meio dos conhecimentos e saberes.

Assim, os processos que envolvem o desenvolvimento e aprendizagem são dotados de certa complexidade e acontecem simultaneamente, de forma indissociada, um completando o outro. Quando as crianças, por exemplo, se engajam em práticas coletivas, utilizam dos recursos disponíveis e a partir daí modificam a forma de participar em seu grupo social. Em uma brincadeira de casinha, a criança representa uma cena de seu cotidiano, e nessa representação acrescenta elementos novos, reflete sobre hábitos culturais, valores. Assim, ela questiona a realidade, a si mesma e gera transformações.

2 OBJETIVOS

A Educação Infantil, em relação ao mundo social, deve possibilitar às crianças:

- construir suas identidades por meio de significações sociais, compreendendo a diversidade de formas culturais existentes nas sociedades humanas.
- desenvolver as dimensões éticas, de valores, afetividade/emoções, buscando uma convivência harmônica com as pessoas no meio social no qual convive.
- exercitar, de forma satisfatória e compromissada, a cidadania contribuindo para o bom desenvolvimento da organização democrática na qual está inserida e compreendendo as diversas formas de organização social das quais participa.
- perceber-se como ser social que atua no tempo e no espaço, componente de diferentes grupos que, ao mesmo tempo, constituem e transformam a sociedade e são dependentes dela.
- conviver de forma crítica com os processos globais, acompanhando, compreendendo e participando, dentro de suas possibilidades etárias das conquistas e transformações tecnológicas, políticas, culturais, entre outras.
- reconhecer a si mesma e aos outros como sujeitos de direitos.

3 EXPERIÊNCIAS

Tendo como eixo a formação humana, a Educação Infantil deve, em relação mundo social, proporcionar às crianças a vivência de múltiplas experiências, tais como:

- Circular por espaços da instituição, bairro e cidade.
- Manipular e explorar instrumentos e objetos de nossa cultura: brinquedos, utensílios usados pelos adultos (pentes, escovas, telefones, caixas, painéis, instrumentos musicais, livros, rádio, etc.).
- Visitar parques, museus, igrejas monumentos públicos.
- Participar de eventos culturais da IEI e da comunidade.
- Conhecer manifestações culturais de outras comunidades e de outros povos.
- Interagir com crianças da mesma idade e de idades diferentes, em situações coletivas, pequenos grupos e duplas.
- Brincar, experimentando diversos papéis sociais.
- Realizar escolhas.
- Participar de simulação de processos democráticos: plebiscitos, consultas, eleições, enfim, processos que envolvam escolhas, tomadas de decisão.
- Participar na construção, desenvolvimento e avaliação das propostas de trabalho.
- Organizar as salas de atividades e outros espaços dentro e fora da instituição.
- Caracterizar e conhecer o funcionamento dos diversos equipamentos de uso coletivo: rodoviária, posto de saúde, restaurantes, salão de beleza, cinemas, teatros, supermercado, padaria, igrejas, museus, etc.
- Construir e utilizar normas e combinados coletivos para utilização dos espaços da instituição e outros onde eles forem necessários.
- Construir e utilizar regras de convívio social e de organização em grupo.
- Comemorar eventos sociais e culturais significativos.
- Explorar o meio físico e sócio-cultural no qual estão inseridas.





- Participar de trabalhos de campo, visitas técnicas, passeios.
- Realizar pesquisas, processos de investigação e, para tal, levantar hipóteses.
- Registrar as atividades desenvolvidas na IEI.
- Manter contato com a história dos povos/etnias, diferentes culturas contemporâneas e de outros tempos.
- Estabelecer relações de confiança (crianças com crianças e crianças com adultos).
- Circular nos espaços públicos, privados, de uso coletivo ou individual, utilizando dos serviços disponíveis a comunidade.
- Compartilhar objetos, brinquedos, sentimentos, alimentos, cuidados com amigos, familiares e colegas da instituição e exterior a ela.
- Reconhecer os serviços sociais da cidade (públicos e privados) e as funções desempenhadas pelos diversos atores sociais (policiais, médicos, enfermeiros, líderes comunitários, comerciantes, entre outros).
- Circular nos diversos espaços sociais (restaurantes, supermercados, quadras, galerias de exposição, shoppings, instituições religiosas, entre outros).
- Utilizar diversas fontes de conhecimento: livros, revistas, CD, DVD, internet, entrevista com pessoas da comunidade e com pessoas mais experientes em determinado assunto.
- Organizar trajetos, elaborar mapas e guiar-se por eles.
- Construir maquetes.



4 SABERES E CONHECIMENTOS

A partir das experiências relacionadas acima e de muitas outras, as crianças poderão construir saberes e conhecimentos, tais como:

- Percepção das formas de organização das cidades, estruturas, equipamentos públicos e privados, além de ruas, avenidas, becos, praças;
- Cuidado com os equipamentos e espaços públicos, privados, de uso coletivo ou individual;

- Respeito às quaisquer formas de manifestações culturais;
- Noção de seu pertencimento a grupos sociais diferentes: escola, família e a comunidade local e global;
- Deslocamento pelos diversos espaços da instituição (berçário, cantina, banheiros, sala da direção, da pedagoga, dos funcionários, etc.);
- Valorização dos bens culturais materiais e imateriais;
- Respeito à individualidade e à diversidade de todos e todas;
- Respeito a regras, normas e combinados;
- Compreensão de profissões diversas e aspectos significativos do mundo do trabalho;
- Respeito às culturas diferentes da vivenciada em seu núcleo familiar, município, estado e país;
- Apropriação de regras sociais para utilização de ambientes públicos e privados, tais como: restaurantes, supermercados, teatros, cinemas, etc.;
- Utilização de ritos, valores, hábitos e atitudes para a vida em sociedade;
- Valorização das ações de cooperação, solidariedade;
- Respeito à diversidade humana e ao meio ambiente;
- Participação, capacidade de argumentação, negociação e uso do diálogo como forma de resolver conflitos;
- Organização, planejamento de rotina diária, inclusive fazendo uso de agenda;
- Utilização de combinados e normas de convivência social;
- Realização de avaliação, autoavaliação e reflexões acerca de valores, atitudes, comportamentos;
- Preservação dos espaços coletivos nos quais convivemos;
- Transformações que ocorrem no mundo social;
- Atitudes de manutenção e preservação do patrimônio cultural;



- Utilização de diferentes fontes de pesquisa;
- Atitudes balizadas pela ética, diálogo e cidadania;
- Noções sobre as diferentes etnias e culturas;
- Noções sobre as relações de parentesco na família;
- Noções sobre as múltiplas formas de trabalho existentes na sociedade;
- Noções de direitos e deveres;
- Utilização dos diversos bens e serviços sociais da cidade;
- Utilização dos espaços de cultura e lazer da cidade, reconhecendo-os como espaços educativos importantes;
- Utilização das normas sociais e de trânsito.



5 DINAMIZAÇÃO DO CAMPO DE EXPERIÊNCIA DO CURRÍCULO NA RELAÇÃO COM OS ELEMENTOS DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

É importante garantir a participação de todas as crianças da IEI na construção e desenvolvimento das atividades e experiências relacionadas aos conhecimentos e saberes sobre o mundo social, tais como comemorações de aniversários; participação em manifestações culturais; brincadeiras coletivas, oficinas, projetos, visitas, passeios, festas; entre outras. Nas IEI que atendem a bebês é imprescindível que eles, sempre que possível, respeitando as especificidades da faixa etária, experienciem os diversos momentos planejados para que, desde cedo, interajam com o mundo que os cerca.

A construção da rotina e do planejamento do dia com a participação das crianças, é uma importante estratégia que deve ser utilizada pelas profissionais da Educação Infantil. Pode ser organizada em rodas coletivas diárias e define as formas como o trabalho será desenvolvido/apresentado, permite a escolha de temas e projetos, define assuntos a serem pesquisados, material a ser consultado, e onde encontrá-lo, bem como a forma de apresentar o projeto/estudo.

Dos momentos vivenciados na sala de atividades, a hora da roda é muito importante, em termos da formação social. O momento da roda talvez seja o mais desafiador do dia para as profissionais, pois esse momento envolve duas amplas categorias, os aspectos sociais e os cognitivos que são, por natureza, inseparáveis. Na roda, a educadora desempenha um papel duplo, pois além de planejar, durante a roda, ela assume um papel de liderança um pouco diferente de outros momentos do dia.

A roda, nessa perspectiva, pode ser utilizada para desenvolver diferentes conhecimentos e saberes, visando tanto os obje-

tivos em relação à formação social como cognitiva. Nessa atividade, a criança aprende a coordenar pontos de vista, a ouvir o outro, a esperar sua vez para falar, além dos assuntos que nela são tratados. A rodinha, como é conhecida em muitas IEL, oportuniza às crianças momentos únicos de formação humana.

Em relação às datas comemorativas, é preciso abandonar atividades que não têm sentido para as crianças. Um exemplo é a proposta de atividades como colorir um índiozinho e cantar músicas com o cocar na cabeça para comemorar o dia 19 de abril. Essas atividades prontas, direcionadas, além de não despertarem o interesse nas crianças, limitam sua capacidade de ação e a possibilidade de conhecer a realidade dos povos indígenas. Tais atividades contribuem para a perpetuação de uma caricatura do índio brasileiro, não mostram a realidade e não possibilitam o desenvolvimento da criticidade da criança. O trabalho com datas comemorativas precisa ser mais problematizado, envolvendo discussão, pesquisa a diversas fontes e tomando o devido cuidado para que não apresentemos às crianças o mundo de forma fragmentada e desprovido de sentido.

No mundo contemporâneo, vivendo em uma sociedade democrática, é muito importante que, desde muito cedo, as crianças façam escolhas, uma vez que são sujeitos de direitos e a melhor forma de se apropriarem desses saberes e conhecimentos, é praticando. Por isso, é imprescindível que as profissionais organizem os espaços, tempos e materiais e proponham atividades de forma a possibilitar essas vivências aos “chegantes” nesse mundo tão complexo.

Uma das maneiras de possibilitar às crianças experiências significativas para o exercício da autonomia e da cidadania é o trabalho com projetos. Os projetos proporcionam às crianças possibilidades de escolha do tema, definição dos assuntos a serem pesquisados, material a ser consultado, levantamento e acesso a fontes de pesquisa, coleta de material, escolha da forma de apresentação dos resultados, dentre outras.

As crianças precisam ser envolvidas na atividade, instigadas em sua curiosidade e a profissional assume um papel fundamental, pois ela é quem desperta nelas o desejo de aprender, mantendo viva a sua busca pelo conhecimento.

Nesse processo, é importante garantir espaços para que as crianças perguntem, explorem, argumentem, decidam coletivamente, aprendam sobre a diversidade de fontes de conhecimentos, estabeleçam relações entre os vários conhecimentos e saberes e possam, assim, construir uma relação prazerosa com o mundo.

Uma situação interessante e possível de imaginar: um grupo de crianças de 4 e 5 anos que estejam brincando de supermercado, organizam os supostos produtos, os colocam em exposição, ao alcance do suposto consumidor. A profissional da Educação Infantil observa como as crianças brincam, simulam a realidade e pode também participar, fazer sua compra e propor questões reflexivas para as crianças como: “estou com pouco dinheiro, por isso vou comprar somente o necessário”. É uma oportunidade para se trabalhar economia com as crianças. Poucas recebem educação financeira, e essa é uma oportunidade para se trabalhar esses e outros conhecimentos do mundo social.

É importante sair com as crianças da instituição, realizar passeios, visitar lugares da comunidade, explorar parques, feiras,

monumentos e prédios públicos de Contagem, bem como a redondeza do bairro onde a instituição está inserida. O conhecimento não está só em livros, revistas, ele está presente na vida, no cotidiano das crianças, às vezes uma pessoa que mora a mais tempo no bairro pode contribuir muito mais para contar a história local, do que as fontes escritas sobre o assunto.

Diante do exposto, é necessário que as profissionais:

- valorizem as ideias e sugestões das crianças estando sempre abertas às suas contribuições.
- incentivem a curiosidade das crianças, instigando-as na busca do conhecimento.
- acompanhem, observem e registrem de formas variadas o trabalho desenvolvido.
- usem materiais de fácil acesso às crianças.
- incentivem a participação das crianças na organização da sala, que pode variar de acordo com o trabalho a ser desenvolvido.
- incentivem as crianças a utilizar, cuidar e guardar adequadamente os diversos materiais que existem nos espaços das IEL.
- escolham atividades significativas a serem desenvolvidas em oficinas, momentos livres, cantinhos, etc.
- registrem junto com as crianças os combinados por meio de desenhos, afixando-os em local visível.
- elaborarem convites, anúncios, panfletos, cartas, convites com as crianças, explicando a função social dos mesmos.
- contextualizem os eventos de maneira crítica e construtiva, justificando o motivo de sua comemoração, trazendo o que é veiculado na sociedade para discussão e propondo atividades significativas.
- busquem a participação das crianças na organização de eventos.
- proponham e planejem junto com as crianças trabalhos de campo que estejam atrelados a projetos desenvolvidos com o grupo/turma.
- busquem soluções coletivas para os problemas ou conflitos que surgem no dia a dia da sala e/ou da instituição.
- utilizem entrevistas com pessoas da comunidade como fonte de dados para subsidiar projetos e pesquisas.
- trabalhem com a diversidade de conceitos de família presentes na sociedade, ressignificando os modelos prontos e estereotipados de família.
- envolvam as crianças em situações que exijam solidariedade como a atenção às visitas, às pessoas mais velhas,



aos enfermos e aos recém- nascidos.

- proponham projetos em torno das identidades, envolvendo a história da criança, seu nascimento e fatos relevantes de sua vida.
- realizem trajetos significativos para as crianças, tanto dentro como fora da IEI (sala-refeitório, sala-parquinho, sala-brinquedoteca, casa-IEI, etc.).
- observem, instiguem e provoquem a criança a dar explicações.
- proponham que as crianças busquem formas de representar o que pensam sobre o mundo social.
- tenham sempre uma postura ética e de respeito à diversidade e tratem essas questões, não em momentos específicos, como conteúdos de cunho moralizante, mas nos contextos em que aparecerem, permeando todo o trabalho.
- proporcionem às crianças experiências de negociação, de trocas e de interações (jogos e brincadeiras) com outras crianças da mesma faixa etária, de diferentes faixas etárias e com adultos.
- contribuam para que as crianças por meio das experiências que vivenciam construam noções sobre: processo, transformação e permanência.



6 REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. *Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização*. Revista Perspectiva. Florianópolis: UFSC/CED, v. 25, n. 1, 57-82, jan./jun. 2007.

BRASIL. Resolução 5 de 17 de dezembro de 2009. *Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil*. 2009.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. *Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão - introdução*. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CONTAGEM. *Prefeitura Municipal*. Secretaria Municipal de Educação, Esportes e Cultura. *Caderno da educação infantil: construindo o projeto político-pedagógico*. Contagem: Prefeitura Municipal de Contagem, 2007.

CORSARO, William. *Friendship and peer cultures in the early years*. Norwood, NJ: Ablex, 1985.

CORSARO, William. *Interpretative Reproduction in children's peer culture*, *Social Psychology Quarterly*, v. 55, n.º 2, p. 160-177, 1992.

DVRIES, Rheta; ZAN, Betty. *A ética na Educação Infantil: o ambiente sócio-moral na escola*. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ENGELS, Friedrich; MORGAN, Lewis Henry. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. José Silveira Paes. 2. ed. São Paulo: Global, 1985.

DIAS, Fátima Regina Teixeira de Salles. FARIA, Vitória Líbia Barreto. *O currículo da Educação Infantil: diálogos com os elementos da Proposta Pedagógica*. São Paulo: Scipione, 2007.

GALEANO, Eduardo. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Rio de Janeiro: LP&M, 1999.

GOMES, Nilma Lino. *Indagações sobre o currículo: diversidade e currículo*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Educação e felicidade na cultura do consumo*. In: JOBIM E SOUZA, Solange (Org.). *Educação @ Pós-modernidade: ficções científicas e crônicas do cotidiano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

KRAMER, Sônia. *Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie*. Texto apresentado no Seminário Internacional OMEP. *Infância – Educação Infantil: reflexões para o início do século*. Brasil, jul. 2000.

KUHLMANN JR., Moisés; FERNANDES, Rogério. *Sobre a história da infância*. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEONTIEV, Alexei *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LIMA, Elvira de Souza. *Desenvolvimento e aprendizagem na escola: Aspectos culturais, neurológicos e psicológicos*. São Paulo: Sobraidinho, 1997.

LOPES, Rizek Karina. MENDES, Roseana Pereira. FARIA, Vitória Líbia Barreto. (Orgs.) *Livro de estudo: módulo IV*. Brasília: MEC. Secretaria de

Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006. (Coleção Proinfantil, v. 2, mod. 4, un. 7).

NASCIMENTO, Carmem Terezinha Brunel do. *A escola, a casa e a rua: espaços de múltiplas práticas sociais no cotidiano de meninas e meninos que freqüentam três escolas públicas na periferia da cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, 295 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

NSAMENANG, Bame; LAMB, Michael. Socialization of Nso children in the Bamenda grass-fiels of Northwest Cameroon. In: GREENFIELD, Patrícia; COCKING, Rodney.(Orgs.). *Cross-cultural roots of minority child development*. Hillsdale, N. J.: Erlbaum, 1994.

PEREIRA,Sara. Crianças e televisão: convergências e divergências de um campo de estudo. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.) *Estudos da Infância: educação e práticas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Grafia. 1999.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky:uma perspectiva histórico- cultural da educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *O tornar-se humano*. Caderno de Pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, v. 4, p. 28-33, 1999.

SARMENTO, Manuel. *Sociologia da infância: correntes e confluências*. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.) *Estudos da Infância: educação e práticas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOUSA, Andréia Lisboa de. *Aprendendo com os desafios: o trabalho com a interseccionalidade na educação infantil*. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A cor da Cultura, v. 5).

VALENTE, José Armando. *A inclusão das tecnologias digitais na Educação Infantil*. Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, v. 6, n. 18, p. 29-32,nov 2008/fev 2009.

VYGOTSKY, Lev Semiovich. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto. 1979.

_____. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, Campinas, n.71, p.21-44, 2000.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WALLON, Henri. *As origens do pensamento na criança: os prelúdios do sentimento de personalidade*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.



Secretaria Municipal de
Educação e Cultura



Uma cidade cada dia melhor.